

Confiança derruba risco para 989 pontos

Índice cai para o menor nível desde 31 de maio; demanda por títulos da dívida é elevada

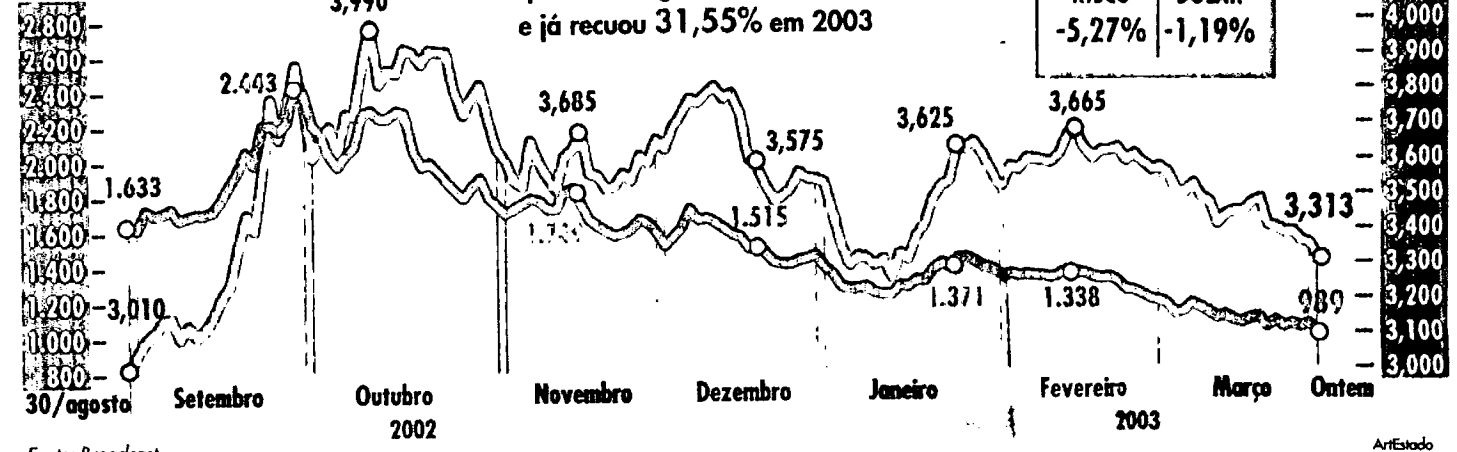
SERGIO LAMUCCI

O forte apetite por títulos da dívida externa brasileira derrubou ontem o risco país abaixo de 1.000 pontos, o que não ocorria desde 31 de maio do ano passado. O indicador recuou 5,27%, para 989 pontos, num dia em que o C-Bond subiu 3,16%, fechando em 81,50% do valor de face, embalado pela expectativa de que o governo conseguirá aprovar hoje na Câmara a emenda ao artigo 192 da Constituição, que trata do sistema financeiro nacional e abre espaço para a autonomia operacional do BC. O otimismo contagiou o dólar, que encerrou os negócios em R\$ 3,313, em baixa de 1,19%. Para ajudar, as bolsas internacionais subiram e os preços do petróleo caíram.

Com a determinação do governo em seguir uma política de austeridade fiscal e monetária e o forte ajuste externo, os investidores se sentem mais confortáveis para comprar papéis brasileiros, afirma Edward Amadeo, sócio da consultoria Tendências. Outro ponto importante é que os títulos do País ainda oferecem um rendimento significativo, mesmo depois da alta registrada nos últimos meses, lembra o economista-chefe para mercados emergentes do Goldman Sachs, Paulo Leme. Para ele, houve uma melhora substancial da percepção do risco Brasil porque "o PT está adotando políticas fiscal e monetária relativa-

CONTINUA O OTIMISMO

RISCO PAÍS (em pontos)



Fonte: Broadcast

mente apertadas, o ajuste externo é bom e o diagnóstico e o cardápio para as reformas são acertadíssimos". Leme ressalta ainda que, mesmo com a guerra, parte dos investidores, ávidos por retornos expressivos, estão destinando seus recursos para títulos de emergentes, pois as perspectivas para as bolsas são pouco animadoras e os juros nos EUA, Europa e Japão estão baixos.

Amadeo cita um levantamento da consultoria EmergingPortfolio.com, mostrando que, no primeiro trimestre, os fundos para emergentes receberam US\$ 948 milhões, 46,21% a mais que os US\$ 648 milhões de todo o ano passado. Leme diz que, entre os emergentes, os títulos brasileiros têm hoje "a melhor equação entre risco e retorno". Neste ano, o C-Bond, que atingiu ontem o nível mais alto desde 22 de abril de 2002, subiu 23,02%.

Leme cita ainda um fator técnico

co que estimula a compra de papéis brasileiros. Neste mês, há a amortização de US\$ 1 bilhão em títulos da dívida. Com isso, haverá uma redução do volume de ati-

vos brasileiros em circulação. E, diz ele, esses recursos tendem a ser redirecionados para papéis do País. Para Amadeo, o risco Brasil pode cair para 700 pontos nos

próximos meses, desde que haja um encaminhamento apropriado das reformas, especialmente a da Previdência.

A queda do risco deve abrir es-

paço para captações de prazo mais longo por empresas e bancos brasileiros, diz o vice-presidente do BNP Paribas, Carlos Calabresi. Hoje, a maior parte das emissões se limita a um ano. Ele acredita que o governo pode esperar o risco cair mais antes de captar no exterior, pois não há problema para fechar as contas externas.

A votação da emenda ao artigo 192 será acompanhada com atenção pelo mercado, pois será o primeiro teste para verificar a base de sustentação do governo no Congresso (ler mais na pág. A4). A eventual aprovação da emenda indicará que as perspectivas para as reformas são positivas, o que pode estimular a continuidade da queda do risco país e do dólar. Um tropeço do governo, no entanto, pode frustrar os investidores, e levar a vendas de títulos da dívida para embolsar os ganhos recentes.

■ Mais informações na página 3

RANKING DOS RISCOS

A lista dos dez maiores (em pontos)

Argentina	2.376
Nigéria	1.400
Venezuela	1.399
Equador	1.378
BRASIL	989
Turquia	778
Colômbia	602
Filipinas	587
Pero	461
Panamá	366

Fonte: BBV Banco